Projeto de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental

Título: Contingências e Invenções: clínica e civilização

Laboratório de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Autor: Ivo de Andrade Lima Filho

Prof. do Departamento de Terapia Ocupacional da UFPE

Doutor em Letras (Linguística) (UFPE)

Mestre em Psicologia Clínica (UNICAP)

Membro do Laboratório de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental da UNICAP

Psicanalista associado do Círculo Psicanalítico de Pernambuco

**Introdução**

Numa publicação realizada em 2022 em um capítulo de livro, havia discutido sobre “A contingência da pandemia do Covid 19 e as invenções na clínica psicanalítica”[[1]](#footnote-1). Neste trabalho, discuti a relação entre contingência e invenção a partir da experiência clínica no contexto da pandemia do Covid 19. Tal acontecimento teve e tem repercussões para todos, embora saibamos que tais repercussões foram diferentes para cada um em sua singularidade e para grupos de humanos marcados pelas condições sócios, econômicas e culturais.

Na clínica psicanalítica é possível constatar como o encontro de um sujeito com o improvável, um acontecimento inesperado, pode ter efeitos diversos e significativos. O inesperado de um encontro entre o sujeito e a contingência nos remete aos encontros iniciais entre o *infans* (aquele que é falado pelo Outro) com o significante do Outro. Não seria a aventura da existência humana marcada pelos primeiros encontros com os significantes do Outro? Nesses primeiros encontros, o *infans* acessa gradualmente o mundo simbólico, da linguagem, mundo esse por onde circulam significantes nos quais fará uso deles para dali construir seus próprios significantes e, nessa direção aventurar-se pela errância própria do sujeito desejante. Ser marcado pelas insígnias, pelos traços do Outro, é um acontecimento contingencial e constitui aquilo que, posteriormente, produzirá o que há de mais íntimo em cada um, o *infamiliar.*

Pois bem, tomarei esses encontros iniciais e especiais como contingentes, na medida em que se caracterizam como um encontro em que cessa de ser impossível. É contingente um bom encontro ou um mau encontro. É possível na aventura do ser no mundo que haja a possibilidade de se inscrever algo antes concebido como impossível. O impossível torna-se contingente quando algo de improvável se inscreve e marca o ser. Como afirma Lacan (2008, p. 46), ao referir sobre a posição de Saussure em qualificar de arbitrário o significante, “podia ter tentado formular – o significante, melhor teria valido colocá-lo como categoria de contingente. O significante repudia a categoria de eterno e, no entanto, singularmente, ele é por si mesmo”.

A observação de Lacan sobre o caráter contingente do significante é realizada no tempo do Seminário *Mais, ainda*, seminário esse em que Lacan está às voltas com a equivalência dos registros do real, simbólico e imaginário. No primeiro ensino havia a supremacia inicial do imaginário e, posteriormente, do simbólico, tempo esse do inconsciente estruturado como uma linguagem, a saber, de um significante que deslizava no discurso produzindo efeitos metonímicos e metafóricos. No Seminário *Mais, ainda*, onde encontramos a observação referida pelo autor acerca do caráter contingente do significante, se constata que a aventura do sujeito na linguagem é atravessada pela potência do real. Um real antes referido como o impossível, mas que na direção da segunda clínica, o real aparece com sua versão de contingente.

Nessa perspectiva, Miller (2011) afirma que a contingência faz irrupção nos cálculos, lembrando dos acontecimentos da terra, tais como: tsunamis, terremotos, deslizamentos, enfim, acontecimentos que representam o real sem lei e que repercute em todos. A contingência seria uma das versões do real. “O real, então, não é mais impossível, ele é contingente, ou seja, em termos precisos, o que cessa de ser impossível, o que cessa de não se escrever” (MILLER, 2011, p. 127).

A partir da problematização sobre a noção de contingência como uma das versões do real, discutiremos sobre sua relação com as possibilidades das invenções na clínica e na civilização. A saber, por um lado, há o encontro de cada sujeito com o inesperado da contingência e as consequentes produções *sinthomáticas*; e, por outro lado, há o real da natureza e seus efeitos no processo civilizatório.

Constata-se através dos discursos de autores dos povos originários, a exemplo de David Kopenawa (2015), a negação/destruição da natureza pelo “povo da mercadoria”. Segundo o autor indígena, o “povo da mercadoria”, os brancos, representa uma ameaça para a permanência da floresta e da sobrevivência do próprio povo, ou seja, uma ameaça à civilização. Nessa direção, se cada sujeito singular está inscrito numa civilização e se o processo civilizatório é uma ameaça ao lugar de onde a originou, a natureza, interessa investigar as vozes resistentes dos povos originários sobre tal questão no sentido de contribuir nas reflexões sobre: o Mal estar na Civilização (FREUD); a problemática em torno das experiências psicopatológicas na contemporaneidade marcadas sobretudo por contingências diversas; as investigações sobre a experiência dos povos amazônicos pesquisado pelo antropólogo Eduardo Viveiro de Castro e discutido por Dunker (2015) quando relaciona o diagnóstico da modernidade ao perspectivismo ameríndio; e, as invenções produzidas pelos sujeitos e/ou comunidades como alternativas e resistência ao pior.

Objetivo Geral:

Relacionar e pesquisar as noções de contingências e invenções na experiência da clínica psicanalítica atravessada pelos desafios vivenciados pelo mal-estar na civilização e pelas contribuições antropológicas que destacam o perspectivismo ameríndio dos povos amazônicos.

Objetivos Específicos:

• Discutir sobre as noções de contingências e invenções na clínica psicanalítica

• Descrever a problemática psicopatológica contemporânea tomando como referência as contribuições da antropologia anímica

• Refletir sobre as possíveis invenções constatadas no contexto da clínica psicanalítica e da cultura como sinais de resistência ao pior

**Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa teórica que investigará o seguinte: nos referenciais freud-lacanianos, as noções sobre contingência e invenções e a problemática psicopatológica e do mal-estar contemporâneo; e, nas referências antropológicas de Eduardo Viveiro de Castro e Philipe Descola, sobre as experiências dos povos ameríndios marcados pela perspectiva de uma antropologia anímica.

**REFERÊNCIAS**

DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*: uma psicopatologia do Brasil entre muros. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

DESCOLA, P. *Para além de natureza e cultura*. Tradução de Andrea Daher e Luiz César de Sá. Niterói: Eduff, 2023.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami. Tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiro de Castro. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: *o sinthoma*. (1975-1976). Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007

LACAN, J. O Seminário, livro 20: *mais, ainda*. (1972-1973). Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.

MILLER, J.-A. O Ser e o Um. Curso de *Orientação Lacaniana III*2010-2011. (Mimeo.).

1. LIMA FILHO, I. A. A contingência da pandemia do Covid 19 e as invenções na clínica psicanalítica. In: RODRIGUES, E; LIMA FILHO, I.A. (org.). O real na experiência analítica. Recife: CEPE, 2022. [↑](#footnote-ref-1)